

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Citado (S. U)

Class.: 37

Data: 30 de Novembro de 1980

Pg.: _____

190

Terra dos Índios

Quando o primeiro homem branco pôs os pés no litoral brasileiro — há quase quinhentos anos — recebeu dos indiozinhos que se aproximaram sorrindo, curioso presente: um cocar de penas brancas. Meio envergonhado, ele retribuiu a oferta — e lhes deu um pesado sombreiro negro. Tinham início as dolorosas relações entre "selvagens" e "civilizados". Começavam alegremente: terminariam mal. Pois dos cinco milhões de índios que naquela época viviam entre o **Oiapoque** a barra do **Chui** — entre o rio **Javari** e o **Cabo de Santo Agostinho** — hoje restam cerca de cem mil, na sua maioria desorientados, alquebrados, insanos, desdentados, entorpecidos, abobados.



Foi na Amazônia que se desenrolou a etapa mais dramática desta destruição. Ali, em pleno século das luzes, um bando de molambentos se atirou sobre os indígenas com o objetivo de se apossar de mão-de-obra barata para alimentar o monstro industrial da borracha.

A Nação **Waiká** foi a primeira a receber o impacto. Sobre os **Xirians** caíram os abutres do ramo mercantil: mascates, comerciantes de armas e de cachaça. Os **Gua-haribos** tiveram destruídas as habitações que constituíam a base de sua vida comunal primitiva — e se desintegram.

O massacre mais brutal foi nos vales do **Juruá** e do **Purús**, onde outrora se encontravam as maiores reservas de seringueiras do mundo. As nações **Pano** e **Aruak** foram rapidamente dizimadas. Índios ativos arrojavam a frente ao pé diante da imensa superioridade do branco, de sua inteligência diabólica. Entrava em cena um especialista em matar índios: o "bugreiro", capanga de tocaias e traições: aborto tardio do bandeirante predador — deus do jaguncêdo.

Nos extensos vales do **Tapajós** e do **Madeira**, os **Torá** e os **Mundukuru** tentaram se constituir numa barreira ao avanço do branco. Também o povo **Parintin** cobrou um alto preço (em sangue) pela borracha que um dia foi extraída da floresta para fabricar os pneus das limusines das grã-finas da **Cote d'Azur** — ou dos carros de combate que iriam rolar nas areias do **Ryff** africano...

Carijós, Xucurús, Potiguaras: deles só resta a memória. Contra os **Timbiras** travou-se

uma luta prolongada porque os índios se refugiavam na **Serra Geral**, de onde raramente saíam. Mas quando se tornava difícil destruí-los pela guerra, eram atraídos para a periferia de povoados sórdidos, onde as doenças e o álcool se encarregava do resto.

Algumas Nações foram jogadas contra outras, como os **Krahós**, que se especializaram em escravizar seus irmãos, para vendê-los aos brancos em troca de cachaça e sal. Somente os mais ariscos e alçados conseguiram sobreviver, como os **Gaviões**, que até hoje se escondem pelas margens do **Tocantins**.

No coração do planalto central, a Nação **Karajá** foi das mais judiadas: os poucos que restaram são atração turística na **Ilha do Bananal**, onde sacodem a bunda para fotografias coloridas.

Os ingênuos **Xerentes** — que chegaram a transformar **D. Pedro II** em seu "deus" — também desapareceram do mapa. No coração do país ainda restam alguns **Kayapós** e **Xavantes**, que só sobreviveram por serem ferozes e arredios. E os **Bororós**, outrora notáveis por sua robustez física, entraram em decadência.

No vasto pantanal de **Mato Grosso** viviam os **Mbayá-Guaicurús**, os primeiros índios do continente a utilizar o cavalo como montaria. Aliados aos canoeiros **Poyaguás** eles dominavam vasto território. Na Guerra do Paraguai chegaram a constituir batalhões que lutaram ao lado dos

brasileiros para impedir a penetração guarani ao norte do rio **Apa**. Pois deses ativos cavaleiros restam hoje pouco mais do que dez indivíduos arrasados.

Tristes trópicos: **Kadivéus, Guanás, Otis, Terenas** todos se acabaram. Alguns, tomados de impulsos místicos alucinatórios se suicidaram — ou fugiram em direção ao **Mar**, numa ânsia louca de **Liberdade**. Outros terminaram mendigando à beira das estradas asfaltadas do progresso, como os **Botucudos**, os **Maxacalis** e os **Pataxós**. No Sul, os descendentes do **Cainguangues** e dos **Xoklengs** se subdividiram em pequenas tribus, para fugir à penetração dos colonos. Erro fatal: "bugreiros" profissionais foram contratados para exterminá-los até à morte.

Dentre os poucos índios que restam, espalhados pela vastidão do território brasileiro, muitos perderam até mesmo a noção da realidade. E ainda acham que suas Nações um dia voltarão em toda glória e esplendor, renascendo das cinzas de **Kanê**: revivendo entre a vasta cabeleira de **Karó** que voam — altaneiros e invisíveis — além das nuvens do céu, de onde tudo observam através de seus olhos de carancho-de-penacho-branco. Lá, nas alturas, eles sentem desprezo por aqueles homens pálidos e enfermiços que um dia massacraram seus povos. E esperam o momento de desabar sobre a Terra — com fúria — como nas assombrações do **Boitatá** e do **Quer-Que É**.

Mas não tenhamos ilusões... Apesar de todos os discursos (e artigos bonitos) estamos na antevéspera da descida do pano sobre a tragédia de nossas populações autóctones.

Os índios estão no fim. Em breve, deles só restará a memória: foram apagados como os desenhos que o santo padre **Anchieta** — José do Brasil — um dia fez nas areias das praias de **São Vicente**: varridos pelas ondas sempre fortes e renovadas do ódio: afogados pelo profundo mar da ignorância.

E quando raiar o Milênio, quando alvorecer o ano 2.001 entre as neblinas das florestas brasileiras, os índios já não poderão contemplar o brilho das espadas e a beleza dos estandartes. Nem ouvir o tropel empoeirado e colorido da Morte...

Paulo Ramos Derengoski